

ANA PUNSET



Ilustrado por
PAULA GONZÁLEZ

Tradução de
JULIA DE SOUZA



Copyright do texto © 2013 by Ana Sandra Punset Martínez

Copyright das ilustrações © 2013 by Paula González

Copyright © 2013 by Penguin Random House Grupo Editorial, S. A. U.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

EL CLUB DE LAS ZAPATILLAS ROJAS

Preparação

PAULA MARCONI DE LIMA

Revisão

ARLETE SOUSA

LUCIANA BARALDI

FERNANDO WIZART

Composição e tratamento de imagens

M GALLEGOS • STUDIO DE ARTES GRÁFICAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Punset, Ana

O Clube do Tênis Vermelho / Ana Punset;
ilustrado por Paula González; tradução Julia de
Souza. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das
Letrinhas, 2017.

Título original: El Club de las Zapatillas Rojas.

ISBN 978-85-7406-777-3

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. González,
Paula. II. Título.

17-02387

cdd-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

2017

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletrinhas.com.br

www.blogdaletrinhas.com.br



SUMÁRIO

1. Exatamente o que queria	9
2. Em ação!	15
3. Os dez mandamentos	23
4. Pior impossível	37
5. É melhor comer	47
6. Um grande desafio	52
7. Vai, plano!	59
8. Professor particular	66
9. Preciso da sua ajuda	73
10. Temos um encontro?	78
11. Noite das meninas	84
12. Antes de tudo, organização	89
13. Não encostar no Eric!	97
14. Os minutos passam tãão devagaaar	104
15. Que comece o casting!	109
16. A música definitiva	118
17. O gato comeu sua língua?	125
18. Uma boa contratação	130
19. Bia perdeu a cabeça	140
20. Nossa pior crise	148
21. O dia do ponto de ônibus invisível	157
22. Uma grande notícia!	160
23. Uma aula tensa como nunca	165

24. Questão de beijos	175
25. Quem semeia ventos colhe tempestades	181
26. Quer uma carona?	184
27. Temos um câmera	189
28. Falta de sorte	191
29. Estamos derrotadas!	197
30. Inédito	202
31. Todas a postos... ação!	210
32. The last one...	215
33. Contagem regressiva, 3-2-1...	222
34. Uma pulseira colorida	226
35. O último dia de aula	229
36. Berlim, aí vamos nós!.....	237
<i>Agradecimentos</i>	245
<i>Sobre a autora</i>	247
<i>Sobre a ilustradora</i>	247

I

EXATAMENTE O QUE QUERIA

Lúcia mal pôde acreditar quando abriu o seu último presente de Natal: sapatos de salto roxos embrulhados em um papel prateado! Imaginou que eram um presente de Lorena, a mulher do seu pai, porque ele não teria tanta imaginação, e então lhe agradeceu com uma piscadinha. Finalmente poderia encarar os outros de uma altura aceitável e andar mexendo o quadril do jeito que as famosas fazem na televisão, com a maior naturalidade do mundo. Tinha doze anos, mas, com esses saltos, dava para parecer um pouco mais velha. Bom, pelo menos dessa vez Lorena tinha se empenhado. Ela já estava casada com seu pai fazia um bom tempo e quase nunca conseguia surpreendê-la... Talvez pudesse exibir os sapatos novos na próxima vez em que fosse dar uma volta no shopping com as meninas, ou quando fosse ao cinema para assistir ao último filme do gato do Liam Hemsworth. Mas ainda assim... não era o que mais queria ter ganhado! Tinha sublinhado o que mais desejava em sua carta com todos os marcadores coloridos da gaveta do escritório. É, apesar de já não ser mais criança, Lúcia continuava a escrever cartas de pedidos no Na-

tal, uma das vantagens de ser filha de pais separados: dessa forma, eles dividiam os presentes e não havia brigas (ou havia menos).

Enfim... Não entendia por que o item que ela mais queria de toooda a carta não estava debaixo da árvore. Quando viu que sua mãe não tinha lhe dado esse presente depois da comilança da noite de Natal, concluiu que ele devia estar com os presentes do seu pai, que ganharia na Noite de Reis... Mas pelo visto NÃO, seu pai não estava sabendo... Enrugou o nariz e olhou por todo lado em busca de alguma outra caixa que ainda não tivesse sido aberta. A esperança é a última que morre, dizem.

E se...? Lúcia desviou os olhos em direção a Aitana, fruto do amor de Lorena com seu pai. Com apenas seis anos, a menina era um verdadeiro terremoto. Muito bonita, sem dúvidas, com seus cachos dourados e bochechas rosadas, mas o que fazia de melhor era destruir as coisas da irmã mais velha. A pestinha estava no pé da árvore de Natal rasgando embrulhos como um triturador. E bem embaixo dos papéis amassados havia um pacote que Lúcia ainda não tinha notado, embrulhado em papel vermelho, não naqueles típicos papéis infantis de presente de criança.  ELA SABIA! Aquela caixa tinha que ser sua, não podia não ser... Lúcia levantou de um salto, mas percebeu que Aitana estava prestes a pegar o pacote e arruiná-lo do mesmo jeito que havia feito com os outros. Com três passos — ainda que bem curtos, porque suas pernas não



davam para muito —, Lúcia ficou ao lado do presente, afastou a irmã com um empurrão e se ajoelhou para protegê-lo. Aitana caiu no choro na hora, como sempre fazia quando não lhe deixavam fazer o que queria: era tratada como se fosse a rainha da família.

— Lúcia! — Lorena gritou com aquela voz de “nesta casa se faz do meu jeito”.

Ela ficava andando de um lado para o outro tirando fotos, emocionadíssima, enquanto seu pai ficava calado em uma das poltronas perto da árvore. Pra variar, também dava ordens:

— Peça desculpas à sua irmã!

“Minha irmã! Essa menina mimada não é minha irmã”, Lúcia disse para si mesma. Lorena parecia mais corada que o normal por causa das luzes da árvore que refletiam em seu rosto, e certas coisas era melhor dizer baixinho. Ela ignorou a bronca e se concentrou no pacote, sua última esperança. De fato, seu nome estava escrito na etiqueta em letras grandes, bem claro:



Sim, a caixa era dela! E, por mais que os outros presentes fossem úteis, nenhum tinha um significado tão grande nesse momento: nem a bolsinha de maquiagem de marca, nem o



collant de balé, nem o iPod, nem o diário. Ela rezou para que o que estivesse dentro daquela caixa fosse o que ela queria.

Lúcia abriu o embrulho com muito cuidado, como se fosse um verdadeiro tesouro: primeiro levantou lentamente uma ponta, e depois a outra. Se segurou para não rasgar tudo de uma vez, para poder desfrutar cada segundo do momento. Ao se livrar do papel, ela deu de cara com uma simples caixa de papelão. Tirou a tampa com as duas mãos como se fosse um cofre frágil de cristal e, ao ver o que havia dentro, deu um grito de alegria que assustou todo mundo.



Seu pai, Lorena e Aitana olharam para ela, cada um à sua maneira. A pirralha já tinha parado de chorar e estava de boca aberta, exibindo o biscoito que sua mãe tinha dado para acalmá-la. Talvez todos estivessem pensando que Lúcia estava completamente louca... Ficar desse jeito por causa disso? Mas seu pai lhe perguntou, lá da poltrona, se ela tinha gostado do presente, e era óbvio que ele estava alegre por ver a filha tão emocionada. Lúcia respondeu com um sorriso que ia, literalmente, de uma orelha à outra, assentindo de um jeito exacerbado... É claro que tinha gostado!



Ela estava tão contente que deu até um abraço em Aitana. Afinal, a menina não tinha feito nada de errado, e pelo menos não tinha encostado no que não era dela, o que já era o bastante. Recolheu todos os presentes para guardá-los num canto e jogar os papéis fora. Depois, ficou um tempo fazendo papel de irmã mais velha, para que não houvesse queixas: brincou com Aitana e perguntou os nomes das bonecas dela. Quando achou que já era suficiente, foi para seu quarto carregando todos os pacotes. Queria saber se seria a primeira a anunciar sua nova aquisição nessa Noite de Reis...

